

A consciência nacionalista no poema “Se me quiseses conhecer”.

Elisângela Mota Barros de Freitas

Profa. Dra. Josyane M. Nascimento

Resumo

A voz poética feminina de Noémia de Souza contribuiu fortemente para a tomada de consciência da nacionalidade em Moçambique. Sua poesia buscou sensibilizar a sociedade a cerca das questões políticas a partir de temas como opressão, negritude e esperança. Este trabalho tem como objetivo destacar como a voz poética da escritora moçambicana se apresenta no poema “Se me quiseses conhecer” e como o sentimento nacionalista passa a formar a mentalidade do povo moçambicano na luta pela independência de seu país. Para tal será feita uma breve análise do referido texto cuja escrita data entre 1948 e 1951, período em que a escritora ficou exilada em Portugal, e publicado em sua única obra intitulada *Sangue Negro* (2001).

Palavras-chave: Nacionalismo. Noémia de Souza. Moçambique

Abstract

The poetic female voice of Noémia de Souza contributed strongly to the awareness of nationality in Mozambique. His poetry sought to sensitize society to political issues based on themes such as oppression, blackness and hope. This work aims to highlight how the poetic voice of the Mozambican writer is presented in the poem “If you want me to know” and how the nationalist feeling starts to form the mentality of the Mozambican people in the struggle for the independence of their country. For this, a brief analysis will be made of the aforementioned text, written between 1948 and 1951, a period in which the writer was exiled in Portugal, and published in her only work entitled *Sangue Negro* (2001).

Keywords: Nationalism. Noemia de Souza. Mozambique

Introdução

É conhecido historicamente que Portugal partiu em viagem com o objetivo de encontrar um caminho marítimo seguro para as Índias, seu intuito era percorrer uma rota para expandir seu comércio. Durante essas viagens, suas navegações contornaram a costa africana do Oceano Atlântico. Esse percurso proporcionou aos portugueses o conhecimento de novas terras e o contato com diferentes povos, entre os quais os de países africanos. Esses eventos deram início ao colonialismo português e à dominação em África.

Moçambique passa a ser dominado por Portugal em 1498. Geograficamente localiza-se no sudeste africano e permite fácil acesso ao Oceano Índico. Com o passar do tempo, outras potências dominadoras, como por exemplo Inglaterra e França, entraram na disputa pelas terras moçambicanas, isso modificou a atenção do país dominador para com sua colônia. Após a instauração da ditadura salazarista em Portugal, foi criado em Moçambique o partido político FRELIMO (Frente de Libertação em Moçambique) fortemente organizado por jovens desejosos pela independência de seu país, a qual foi conquistada em 1975.

Em um país dominado, uma das ferramentas utilizadas para incentivar o povo a lutar pela independência de suas terras é a criação de partidos políticos, no entanto, outro meio que também ganhou força para a conquista desses ideais foi o fortalecimento de uma literatura nacional cuja produção contribuiu estreitamente na tomada de consciência política e valorização da própria cultura. A produção literária torna-se um suporte de grande importância para a formação da consciência coletiva e exposição dos sentimentos e desejo por mudança social, econômica e política de uma nação. Os escritores que almejavam mudanças e transformações mergulhavam em sua produção a fim de conquistarem a vitória. De acordo com Noa, podemos considerá-la uma arte fervorosa, militante e revolucionária utilizada por muitos escritores moçambicanos no pós-colonialismo.

O período que se segue imediatamente à independência de Moçambique, em 1975 será dominado por um grande fervor revolucionário que contaminará as artes, a literatura moçambicana, em particular, e que fará com que haja uma produção maciça de textos literários, sobretudo através da imprensa, mas de pouca relevância estética. (NOA, 2008, p. 41)

Após a independência, a escrita literária dos poetas moçambicanos se tornará livre da estética europeia e irá aflorar nas páginas de revistas e jornais da época, apresentando uma subjetividade do eu poético distante do colonialismo e abrasada pelo desejo de luta e valorização da identidade africana. Antes desse

período, Noémia de Souza, junto com outros escritores, como por exemplo, Fonseca Amaral, José Craveirinha, Orlando Mendes, entre outros, fez parte da Geração do Itinerário, tempo no qual a consciência literária e nacionalista começa a tomar forma em Moçambique:

Esta geração será a grande responsável pela construção da imagem da moçambicanidade ao adoptar estratégias deliberadas [...] na afirmação de uma identidade própria que se consuma na forma como se processa a recepção, adaptação, transformação, prolongamento e contestação de modelos e influências literárias." (NOA, 2008, p. 38-39)

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise do poema “Se me quiseses conhecer”, de autoria da escritora moçambicana Noémia de Souza. Será levado em consideração a emoção do eu-poético presente nas estrofes que se configura em elementos do corpo feminino os quais evidenciam um profundo sentimento nacionalista ao mesmo tempo em que, por meio de determinados vocábulos, expõem a opressão colonialista, a valorização da cultura africana e um projeto político nacionalista, a começar pela consciência identitária do moçambicano. O poema foi escrito em 1949 e publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) que reuniu a poesia escrita pela autora entre 1948 e 1951, período em que ficou exilada em Portugal.

Carolina Noémia Abranches de Souza Soares nasceu no ano de 1926 em Katembé, Moçambique, no seio de uma família de comerciantes em meio ao período de dominação da coroa portuguesa. Foi alfabetizada pelo pai e muito jovem apresentou sua paixão por uma literatura militante pela qual o povo moçambicano fosse tomando entendimento sobre a realidade vivida na colônia. Os leitores de seus escritos demonstraram desejo pela luta a favor da libertação de seu país. A poetisa gerou por meio de seus poemas, no coração do povo moçambicano, um sentimento de revolta e inconformismo com a dominação portuguesa. Sua voz poética contribuiu fortemente para a tomada da consciência coletiva nacionalista, ao mesmo tempo em que gerou na sociedade uma sensibilidade sobre a valorização da cultura local, as questões sociais e o fortalecimento da ancestralidade africana.

A literatura moçambicana.

De acordo com Francisco Noa (2008), os textos que circulavam na colônia moçambicana eram escritos por autores de origem portuguesa e seguiam uma

estética europeia. Nos primeiros anos do século XX, surgiram elites letradas de origem africana que produziram textos instituídos como verdadeiros precursores da literatura moçambicana, porém, ainda seguiam um modelo estético europeu e uma linha de luta por igualdade, defesa da prática da cidadania e direitos para os que viviam à margem da colônia.

As elites que, entretanto, surgem nos princípios do século XX constituídas por assimilados – tendo como epicentro Lourenço Marques, entretanto elevada a capital da colônia, em 1897 – desenvolveram uma marcante intervenção associativista e jornalísticas através da qual se insurgiam contra as arbitrariedades e as injustiças geradas pela colonização, ao mesmo tempo que defendiam direitos de cidadania para a maioria negra marginalizada, vilipendiada e analfabeta. Apesar deste engajamento, mais cívico que político era posto em causa na sua essência, por essa mesma camada, incontornável pioneira da intelectualidade moçambicana, literária e não só. (NOA, 2008, p.37)

Inicialmente não se podia dizer que havia em Moçambique uma literatura nacional, pois apesar de existirem textos escritos por uma elite intelectual negra e mestiça “assimilada”, esse grupo ainda buscava uma aceitação por parte da cidadania portuguesa, defendiam mudanças na colônia, viviam uma dualidade cultural no que se refere à cultura africana e estrangeira.

Os textos desses intelectuais assimilados, veiculados através da imprensa, dirigiam-se ao colonizador reclamando um espaço na sociedade urbana e moderna ao qual, como burguesia nascente e como elite iluminada, se sentiam com direito. Esmeravam-se no uso da língua portuguesa porque não se podiam permitir que uma imprecisão formal as desqualificasse como assimilados ou comprometesse o valor da sua argumentação. (CABAÇO, 2004, p.64)

A literatura moçambicana emerge da vivência do povo africano durante o período colonial e possui uma estreita relação com a imprensa que se instalou em Moçambique. O jornal foi o principal suporte para a poesia africana, conforme os estudos de Francisco Noa (2008).

Porém, a afirmação de uma literatura moçambicana ocorreu no final dos anos 40 e início da década de 50 com a publicação *Msafo*, em 1952. A revista continha muitas críticas à colônia portuguesa e logo foi censurada na primeira e única edição pela Polícia Internacional de Defesa do Estado – PIDE. A intenção dos idealizadores da revista era de romper com o padrão literário existente e firmar uma literatura própria moçambicana. Contribuíram para a publicação da edição os poetas Virgílio de Lemos, Reinaldo Ferreira, Cordeiro de Brito, Domingos Azevedo, Ruy

Guerra, Alberto de Lacerda, Augusto dos Santos Abranches e Noémia de Souza, a mãe dos poetas moçambicanos. É neste cenário que Noa (2008) classifica o período Itinerário (1941-1955), no qual Noémia de Souza se insere, como “um movimento de emergência não só da consciência literária, mas também nacionalista [...]”, com isso, nossa autora escolhida para este estudo, a mãe dos poetas de Moçambique, como ficou conhecida, apresenta em seus poemas de versos livres, um ideal nacionalista. Em seus textos poéticos prevalecem a voz feminina, a qual exprime o valor da cultura negra e um sentimento de combate acerca dos problemas sociais do país.

A consciência nacionalista na poesia moçambicana.

Numa visão panorâmica sobre a existência das literaturas de língua portuguesa em África, as autoras Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira apontam no artigo intitulado “Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa” dois momentos de grande força: a assimilação vivida no processo histórico do povo africano em relação às demais culturas e o processo de conscientização nacionalista iniciado no século XIX, com o surgimento do jornalismo nos anos 40 e 50. Neste último momento, enquadram-se as publicações literárias que começam a abordar um sentimento de valorização da própria cultura africana, uma percepção da realidade colonialista e o desejo de um país livre de seu colonizador, “também nessa época, se inicia uma poética voltada para a moçambicanidade, cujas principais vozes foram as de Noémia de Souza, Marcelino dos Santos e José Craveirinha(...)” (SECCO, 2002). Nos versos de Noémia de Souza encontra-se uma escrita carregada de um profundo sentimento nacionalista. Além do poema escolhido para esta pesquisa, a exaltação à nação africana e o desejo de luta pela libertação de Moçambique da colonização portuguesa também podem ser observados em outros poemas da autora, podemos tomar como exemplo alguns trechos do poema “Sangue Negro”, o qual possui o mesmo título da obra e em seus versos podemos observar o reconhecimento identitário que se evidencia acerca do sentimento de pertencimento exposto através da relação maternal da voz poética ao se dirigir à sua mãe África:

Sangue Negro

Ó minha África misteriosa e natural,
minha virgem violentada,
minha Mãe!

[...]

Mãe, minha Mãe África
das canções escravas ao luar,
não posso, não posso repudiar
o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste...
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
ele é mais forte que tudo,
eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe!

(SOUZA, 2016, p.70)

Noémia de Sousa foi poeta, tradutora e jornalista em Lisboa. A obra "Sangue Negro" foi seu único livro de poemas, publicado em 2001 pela Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO). Alcançou destaque na poesia por sua produção atingir a alma do seu povo. José Craveirinha (2000, p.100) ao falar de Noémia diz que a poetisa escreve Moçambique quando consideramos sua analogia sobre ler a autora "podemos sentir o hálito ardente da fogueira, quando lemos os versos desta escritora, o que mostra em sua literatura a evidência da moçambicanidade, ou seja, a valorização da sua nação em seus poemas. Ler Noémia de Sousa é ler Moçambique". A partir disso, partiremos agora para o objetivo do nosso trabalho, tentaremos explanar nos trechos do poema "Se me quiseses conhecer" o forte louvor pela identidade africana e de que forma a voz poética nacionalista se apresenta para o leitor.

Se me quiseses conhecer.

Noémia de Sousa
Para Antero

Se me quiseses conhecer,
estuda com olhos bem de ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte.

Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir vida,
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes, espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis

pelos chicotes da escravatura
 Torturada e magnífica,
 ativa e mística,
 África da cabeça aos pés,
 - ah, essa sou eu

Se quiseses compreender-me
 vem debruçar-te sobre minha alma de África,
 nos gemidos dos negros no cais
 nos batuques frenéticos dos muchopes
 na rebeldia dos machanganas
 na estranha melancolia se evolvendo
 numa canção nativa, noite dentro...

E nada mais perguntas,
 se é que me queres conhecer...
 Que não sou mais que um búzio de carne,
 onde a revolta de África congelou
 seu grito inchado de esperança.

(SOUZA, 2016, p.40)

Nos versos livres do poema “Se me quiseses conhecer” observa-se a prevalência da voz feminina que se caracteriza como uma figura apresentável e disponível para quem quiser conhecê-la melhor. O título do poema é convidativo ao passo em que também amarra o leitor curioso em querer desvendar o mistério que sobrecarrega a partícula condicional “Se” que se apresenta logo no início do texto poético. Os versos geram certa ansiedade no leitor em querer saber de quem é a voz emotiva do poema, “quem fala no poema” é a pergunta do leitor atento e interessado.

Observa-se que o eu-poético só se apresenta claramente nos dois últimos versos da segunda estrofe “África da cabeça aos pés, /_ah! Essa sou eu:”. Nestes versos é possível sentir o louvor que se faz à cultura africana com as afirmações sobre quem diz ser a voz poética na estrofe, África numa sintonia de feminilidade. Por outro lado, a estrofe descreve de modo mais particular um corpo com marcas físicas, porém também marcado emocionalmente por uma histórica trajetória de subserviência e submissão ao homem branco, referindo-se ao território africano durante o processo colonialista. Contudo, já na primeira estrofe é possível fazer a identificação cultural do eu-lírico a partir do vocábulo “maconde”, no qual se faz referência aos macondes, povo moçambicano localizado ao norte do país e de grande habilidade na arte de esculpir em pau preto. Ainda nessa primeira estrofe, o sentimento de resistência é

colocado em evidência através dessa identificação cultural, pelo fato de, historicamente, os macondes sempre resistirem a outros povos que tentavam dominá-los. Estes versos geram o desejo da resistência da cultura africana frente a dominação portuguesa e sua cultura sobreposta através da força europeia. A voz emotiva do poema se apresenta como alguém que carrega em si alguns traços históricos que podem ser identificados ao observar determinado elemento cultural que faz referência à cultura de um povo moçambicano, o que expressa na um valor nacionalista.

Ainda na segunda estrofe, o uso do pronome demonstrativo “essa” identifica uma voz feminina acompanhada da interjeição “Ah”, a qual expressa um suspirar cheio de orgulho por ser uma mulher moçambicana que levanta a bandeira de sua Nação com o uso dos adjetivos: “Torturada e magnífica/altiva e mística”.há a prevalência da voz feminina que transmite uma forte emoção em relação ao sofrimento sob o jugo de seu dominador. Esse trecho também fortalece a figura da mulher africana diante da figura e voz masculina que por muito tempo foi dominante.

O segundo verso da terceira estrofe “vem debruçar-te sobre minha alma de África,” apresenta uma exaltação nacionalista, em específico por Moçambique, possível de ser identificado pelo elemento usado para esculpir -pedaço de pau preto- citado nos primeiros versos do poema. Nessa terceira estrofe há um convite para conhecer a verdadeira África que foi distorcida durante o período de exploração portuguesa. Essa motivação nacionalista também gera o despertar da negritude, a valorização cultural e o reconhecimento da ancestralidade do povo moçambicano, ocasionando uma consciência de luta e resistência perante os conflitos políticos e sociais.

“Ah! Essa sou eu!” é o trecho que anuncia a feminilidade do poema. A fala feminina silenciada por vozes do patriarcado social, porém surge agora gritante na literatura africana. Os trechos seguintes dessa mesma estrofe “órbis vazias no desespero de possuir a vida/boca rasgada em ferida de angustia/mãos enorme, espalmadas/erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça/corpo tatuado feridas visíveis e invisíveis/pelos duros chicotes da escravatura.../torturada e magnífica/altiva e mística/ África da cabeça aos pés,” descrevem um corpo marcado físico e emocionalmente por sua trajetória de subserviência e submissão ao homem e colonizador. Os países africanos foram colonizados e explorados pelas nações europeias, em Moçambique também não foi diferente. Compreende-se que o convite

feito pelo poema, para conhecer a feminilidade do eu-poético, é também uma alegoria que se faz à figura da nação, cujo gênero se apresenta descrito em forma de um corpo de mulher, uma figura feminina que carrega fortes sentidos únicos de sua natureza. Assim, a nação moçambicana se compara ao desenho de uma mulher forte, feminina, mãe, afetuosa, acolhedora. Uma representação da mulher de cujas atitudes feministas não reconhecidas e consideradas socialmente em grandes momentos históricos, mas que também foi protagonista na construção de sua pátria. Assim, o eu-poético de Noémia de Souza expressa suas emoções significantes para todo povo africano, em específico para o moçambicano, possível de ser identificado no poema.

Considerações finais

Nossa autora, Noémia de Souza, foi grande percussora para o início de uma literatura dita moçambicana. Seus escritos foram produzidos em um período em que “a poesia se afasta dos cânones portugueses e recusa a civilização europeia. É uma poética acusatória, de forte impacto social, que faz ecoar o grito negro da rebeldia [...]” (SECCO, 2002). Vimos que no poema “*Se me quiseses conhecer*” escrito pela mãe dos poetas de Moçambique, estão contidos trechos de profundo louvor nacionalista a valorização da cultura africana. Ao se fazer referência a África e a figura feminina negra por meio de elementos que descrevem o corpo da mulher com descrições que apresentam marcas da exploração portuguesa. Muitos versos da autora provocaram no coração do povo moçambicano o desejo e o fervor pela independência do país. Com a tomada da consciência sobre as questões sociais e políticas ocasionadas pela submissão colonial, o moçambicano foi tomando consciência de si, de sua nação, de sua cultura por meio de um forte louvor nacionalista expresso nos poemas.

Na obra *Sangue negro* (2001), publicada pela Associação dos Escritores Moçambicanos, encontram-se poemas cheios de amor por Moçambique e pelo povo africano. Neste sentido, Noémia colaborou profundamente com a conscientização e formação intelectual das massas em Moçambique ao passo que protagonizou um projeto que conquistou a independência moçambicana. Sua contribuição na literatura africana de língua portuguesa provocou ânsia na sociedade local e levantou a voz dos oprimidos durante o sistema colonial português, gerou um profuso sentimento pela

nação, uma esperança de mudança histórica e social e promoveu, por meio do eu-poético, a luta de libertação contra o colonizador.

No poema de Noémia de Souza, “Se me quiseres conhecer”, é possível identificar uma ilustração simbólica que retrata a voz feminina na sua essência e a glorificação e enaltecimento do continente africano, ou seja, da Mãe África. Nos trechos “Se me quiseres conhecer/ estuda com olhos de bem ver /esse pedaço de pau preto /que um irmão maconde/ de mãos inspiradas /talhou e trabalhou/ em terras distantes lá do Norte” a poetiza enfatiza um olhar mais profundo sobre a importância e a beleza das raízes africanas, em outras palavras, ela abre a porta para uma melhor compreensão e valorização do homem negro africano. Nessa mesma direção, partindo do vocábulo “maconde”, é possível evidenciar diretamente ao povo moçambicano com valiosas habilidades na prática da escultura em pau preto, como também, na herança marcada de lutas contra povos dissidentes.

A segunda estrofe, como analisado, mostra os estigmas e sequelas da escravidão sofrida pelos colonizadores “Ah, essa sou eu: / órbitas vazias no desespero de possuir vida/ boca rasgada em feridas de angústia/ mãos enormes, espalmadas/ erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça/ corpo tatuado de feridas visíveis/...”, percebe-se de forma específica nessa linguagem o pronome (essa) “essa sou eu”, indicando traços femininos, sobretudo da mulher moçambicana consciente de sua identidade nacional.

Nessa perspectiva, o poema destaca Moçambique representado na figura valorosa da mulher, com seus traços e feições valorosos os quais constata a riqueza étnica/cultural existente na Mãe África e descortina a real sociedade africana e ao mesmo tempo apresenta a voz em tom forte das mulheres como protagonistas das transformações históricas ocorridas em seu espaço existencial muito bem representado na produção literária pelo eu-poético nacionalista de Noémia de Souza, nossa autora feminina moçambicana.

Referências

CABAÇO, J. L. A questão da diferença na literatura moçambicana. *Via Atlântica* (USP), v. 07, p. 61-69, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. In *Cadenos CESPUC de Pesquisa*. Belo Horizonte, n. 16, 2007, p. 13-69.

NOA, Francisco. "Literatura moçambicana: os trilhos e as margens". In: Ribeiro, Margarida Calafate *et alii*. Moçambique – Das palavras escritas. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 35-45.

NOA, Francisco. Uns e outros na Literatura moçambicana: ensaios. São Paulo: Kapulana, 2017.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. "Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana". Prefácio in: SOUSA, Noémia. *Sangue negro*. Ilustrações de Mariana Fujisawa. São Paulo: Kapulana, 2016. (Série Vozes da África).

SOUSA, Noémia. *Sangue negro*. São Paulo: Kapulana, 2016, p.40 -70.